



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'O Mestre do Todos Nós. Antologia de João de Araújo Correia', de João de Araújo Correia]

Clara Rocha

Para citar este documento / To cite this document:

Clara Rocha, "[Recensão crítica a 'O Mestre do Todos Nós. Antologia de João de Araújo Correia', de João de Araújo Correia]", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 490-491.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

tação de que uma leitura alternativa é *sempre* provável e não como afirmação de um *todo* completo e indiferenciado, que, aliás, dispensaria qualquer actualização. A energia da poesia de Luiza Neto Jorge acumula-se exactamente nas partes possíveis que fazem o poema: nos pontos de grande tensão onde se debatem as possibilidades, nos embates violentos que produzem as transformações, que reconstruem as leituras, repetidamente.

Clara Riso

VÁRIA

JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

O MESTRE DE NÓS TODOS
ANTOLOGIA DE JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

Organização de José Braga-Amaral

Porto, *Campo das Letras Editores* / 1999

Eis-nos perante uma nova colectânea de textos em prosa de João de Araújo Correia. Como sublinha o organizador, esgotados os anteriores volumes antológicos, nomeadamente *Os Melhores Contos de João de Araújo Correia* (Arcádia, 1960), *Noite de Fogo* (Inova, 1973) e *A Língua Portuguesa* (Editorial Verbo, 1980), a presente recolha disponibiliza um alargado conjunto de contos e crónicas do autor durienese, preenchendo assim uma dupla função: tornar acessível ao público dos nossos dias a «leitura de um autor que desconhecemos ou mal conhecemos» e chamar a atenção para o cronista, porque este «ocupa o lugar a que tem direito ao lado do contista». De facto, ao pôr lado a lado uma selecção de contos e outra de crónicas, *O Mestre de Nós Todos* retoma o projecto nunca concretizado de Óscar Lopes — a publicação de uma antologia de crónicas de João de Araújo Correia — e enxerta-o na tradição antológica acima referida, que privilegiava (com excepção do volume de 1980) a produção ficcional.

Esta opção é interessante na medida em que proporciona a leitura interactiva do *opus* do contista e dos escritos do cronista, fazendo realçar o campo de relação existente entre ambos e que se revela através de conexões temáticas, esquemas compositivos e traços estilísticos. Estes aspectos concorrem para a delimitação de um universo autoral *sui generis*, o qual, não desmerecendo a classificação de «regionalista» com que alguma crítica o arrumou na história da literatura, revela no entanto curiosidades e preocupações mais diversificadas.

E uma delas é a compreensão do próprio *métier* do escritor, retratado em vários textos, com especial destaque para o conto «O Escritor» e para a crónica «Letras e Doutores». Avultam nesses retratos os aspectos que compõem uma ideia do exercício literário: o escritor é essencialmente um observador, um analista, um «explorador de almas» (p. 27). Mas também alguém que escuta narrativas alheias. Numa projecção ficcional, decerto com muito de pessoal, o conto «O Escritor» insiste descritivamente nesses traços («Nascera para escrever... Desde pequenino, o seu mister secreto consistia em escutar o mundo para depois contar a si mesmo, com palavras suas, o que lhe ouvira», p. 21; «Observou os costumes da cidade e seu alfoz com a minuciosa e segura atenção dum etnógrafo», *ibid.*; «incomodava-os pela maneira como os observava. Parece que come a gente com os olhos — diziam, e desandavam», p. 24) e congrega-os com outros aspectos igualmente marcantes, como a predestinação, a diferença, o sonambulismo ou o isolamento («Tinha mais alma de anacoreta do que alma de guerreiro ou conquistador», p. 27). Noutros textos, a imagem do escritor será reforçada pelo seu vínculo à humanidade, para o Autor a pedra de toque da vocação autêntica: «Mas, o escritor verdadeiro, médico ou não médico, nunca deixará de ser homem humano. Se o não for, ai dele, que não presta. Quem não sente pulsar o coração dos outros não pode ser médico nem escritor.» (p. 379.) As afinidades entre o clínico e o homem de letras ficam assim explicitadas nesta passagem da crónica «Letras e Doutores». Mas patenteiam-se constantemente na obra ficcional do A., que a experiência clínica inspira e sustenta: muitos contos constroem-se em torno de casos e figuras empíricos, as personagens são observadas com olho clínico, numa perspectiva científica e nosológica que capta no imediato as deformações físicas ou as taras psíquicas, e por isso se aparenta com a do naturalismo oitocentista (cf., entre outros, os contos «Os Cinco Escudos de Pepe», «Como Se Faz Uma Estrela» ou «Miguel»). A um segundo nível, essas afinidades são ainda bem visíveis na forma como o labor profiláctico e terapêutico do médico se alarga ao campo da língua portuguesa: na senda daqueles que elegeu para mestres, e a quem presta homenagem (cf. as crónicas dedicadas a Camilo e Júlio Dinis), o autor de *Enfermaria do Idioma* pugna pela pureza da língua, diagnosticando e combatendo os males que a minam e desfeiam. Em «De mal com a Palavra», põe o dedo na ferida: «A causa do descabro é a ingratidão à palavra — património que se afunda se ninguém lhe acudir com uma tabuinha de salvação.» (p. 407.) As preocupações patrimoniais são, de resto, uma constante nestes escritos, sobretudo direcção-

nadas para a crítica às agressões ambientais e paisagísticas, o protesto contra os atentados arquitectónicos perpetrados a partir dos anos 70 pelo «dinheiro francês» (cf. a crónica «Camilo mal Parado», p. 370-1), a evocação de alguns símbolos da beleza tradicional que a evolução técnica e económica foi matando, como o barco rabelo ou o carro de bois, em suma, para a denúncia da «monomania do progresso» que «desumaniza o próprio homem» (p. 371).

Compõe ainda o universo autoral de João de Araújo Correia um realismo estreme nutrido da atenção ao pormenor concreto, ao objecto (numa prosa cuja riqueza lexical no domínio do concreto e do objectual é bem patente), ao caso trivial e ao *fait divers*. Tal opção estética é, aliás, claramente expressa numa frase do conto «História de Uma Criada Velha»: «Com os casos que me contou compunha-se um livro de fabulosos retalhos romanescos entremeados de nítidos mosaicos realistas.» (p. 79.) Os aspectos sociais também não são descurados: narrativas como «O Pouca-Roupa», «O Vinho», «Dois Palmos de Terra» ou «O Ananias» focam histórias de miséria material ou moral, de injustiça social ou de conflitos de classe. A par da geografia física, vincadamente telúrica, desenha-se uma variada geografia humana, cujo dramatismo não é forçosamente diminuído pelo enquadramento regional das personagens, como atesta, entre outros, o conto «Os Figos de Pau». Essa topografia e essa prosopografia completam-se com evocações de tipos e grupos sociais (cf. as homenagens ao cavador duriense, em «O Primeiro Tractor», e aos podadores de S. Martinho, na crónica homónima), descrições de fainas rurais (por exemplo «As Cavas», p. 372-3) ou, noutro registo, episódios mais ou menos anedóticos (por exemplo em «Noite de Verão»), que consubstanciam os *loci* mais comuns em João de Araújo Correia. No plano compositivo, contos e crónicas assemelham-se na sua brevidade de apontamentos literários. Repare-se, também, na primeira pessoa gramatical (associada por vezes ao discurso directo) que enforma muitas das narrativas, contadas pelas próprias personagens, num efeito de coloquialidade levado até ao plano estilístico. Em relação a este último, a colorida mescla de coloquialismos, regionalismos, populismos e arcaísmos («sóbelo mar», «truitas») que compõe o léxico de Araújo Correia concorre para a vernaculidade da sua prosa, na qual Aquilino viu um modelo do seu próprio idiolecto, a ponto de saudar o autor de *Folhas de Xisto* como «mestre de nós todos, que andamos há cinquenta anos a lavar nesta terra ingrata e ímproba seara branca do papel almaço».

Clara Rocha

MARCELLO DUARTE MATHIAS

A MEMÓRIA DOS OUTROS ENSAIOS E CRÓNICAS

Col. Documentos

Lisboa, Gótica/2001

Este é um livro fora do estatuto normal. Vou tentar, não obstante o meu entusiasmo, falar dele sem excessos de adjectivação ditirâmbica — seria bem mais fácil.

Consta, o livro, de uma série de textos vindos a lume em diferentes publicações, todas elas «iluminadas» (permitam a adjectivação metafórica). Resolveu o Autor seleccionar alguns e facultá-los a um público leitor preferencialmente no formato-livro. O confronto entre o livro e o leitor foi positivo e feliz, quer pelos temas em si, quer pela forma como são tratados. Há um entusiasmo contido e uma fantasia selectiva, pelos quais a realidade (dos outros) cria no leitor um anseio de interacção, mobilizado por uma presumível (duvidosa?) verdade — porventura a única. E que não o seja, e que seja outra, quem se importa? Não o sujeito nem o objecto, nem quem lê nem o que é lido. É a leitura que prende o leitor, e o que é lido é a realidade para quem lê. Agarramos este livro para o ler, ignorando (ainda) que será o livro a agarrar-nos para ser lido. O conflito é rápido e eficazmente superado. E será já, obviamente, de comum e harmonioso acordo que eu, leitor, vou falar do livro, um tanto fantasiosamente, pela ausência de rumo lógico e formal, antes ao ritmo, porventura saltado, de uma aparente inconsequência de pasárgada. As palavras afluem, mas não é fácil arrumá-las em confluência. Afinal o próprio A. declara que um livro destes é feito essencialmente do cruzamento de ideias, mas não se resume, nem é esse o propósito.

Temos aqui uma forma de ver mundos e pessoas (autores, pintores, artistas...), a par de uma desenvolvida reflexão sobre o jogo do xadrez e respectiva dinâmica. Sem esquecer os três textos autobiográficos que encerram a obra.

As personalidades vivificadas, dir-se-ia que têm todas (ou quase) algo em comum, algo que, para além da sua identidade própria, as perspectiva num mesmo molde: rebeldia ao estatuto colectivo, desenraizamento de conformismo, desajuste de precária instabilidade, todos dispostos a ruidosas *performances* existenciais, desinibidos frente a pressões externas, naturalmente incondicionáveis. Em síntese: indisciplina de espírito. Mas a síntese não exprime tudo, só dá uma ideia. Todos eles, os vivificados a preto e branco ou a cores, sentem-se como que ameaçados mais pelo acto de viver que pelo facto inelutável da morte.